

ILUSTRAÇÃO

**FERNANDA
BOTELHO**



**PRÉMIO
NACIONAL
DE
NOVELÍSTICA
1972**

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

14.^a EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Novo Dicionário, redigido de harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

«O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tècnicamente, o mais perfeito.»

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

«Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heróicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.»

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **750\$00**

Pelo seu desenvolvimento é considerado este dicionário
verdadeiro monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

DEPOSITO LEGAL
- 0.027.1972

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEPHONE: — 32 00 81/5

22-DEZEMBRO-1972
Número 369

Visado pela Comissão de Censura

Editor: LIVRARIA BERTRAND—Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL—Rua Henrique de Paiva Coqueiro—Venda Nova-Amazonas

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director: DR. VITORINO NEMÉSIO

Por seu carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

VIVER UM JOGO por EDUARDA DIONÍSIO

Fernanda Botelho

LOURENÇO É NOME DE JOGRAL

Bertrand, 1971

TRATA-SE — c disso nos damos conta desde que o folhameo — dum *romance de grupo*: o primeiro capítulo tem o nome de Luís e depois virá outros com os nomes de Matilde, Firmino, Corina, novamente Matilde e Firmino, duas vezes Luzinha e outra vez Luís. Há um conjunto de personagens, cada uma com relativa autonomia enquanto tem por si a conta e com o seu nome certo número de páginas durante as (quais fala a 1.ª pessoa.

É um esquema conhecido: assim se abarca uma família em *A Paixão* de Almeida Faria; assim (mas sem pôr o nome no alto da página) se abarca quatro personagens em *Bolor* de Augusto Abelara; assim faz Faulkner, assim fazia em parte Virginia Woolf.

Em *Lourenço é nome de jogral* o pai não é uma família (se bem que haja um pai e um filho), o grupo não é de casais desencontrados (se bem que haja casamentos, casais, acasalamientos), o grupo não é de amigos (se bem que todos se conheçam e falem sempre, permanentemente). Será um grupo de gente que convive, que *com-vive* — um *grupo social*. Daí que os capítulos que têm como títulos o nome das várias personagens se relacionem pouco entre si, sejam unidades facilmente destacáveis.

Possivelmente um *romance de geração*? — como *Os Descendentes*, como *A Cidade das Flores*, como *Os Descendentes*?

A idade das personagens é muito referida, as datas e os acontecimentos (políticos ou outros), e que todos nos lembremos, e que portanto *localizam* no tempo são insistentemente apontados. Estamos em presença de personagens de quarenta e tal anos, onde se abrem duas grandes excepções para Luís e para Luzinha, que significativamente têm vinte anos, que significativamente nasceram em duas classes sociais muito distintas, que significativamente não são muito diferentes entre si nem das outras personagens. Um *romance de geração*?

Possivelmente um *romance de grupo social marginal*: muito definidas como *personas*, as personagens têm profissões (liberais: uma actriz, uma jornalista, um professor, dois estudantes) e movem-se num ambiente intelectual ou para-intelectual, artístico ou para-artístico: literatura, filosofia, teatro, poesia. Consumem cultura e arte e produzem cultura e arte: Luís, a personagem dos vinte anos, teria ido para Paris estudar Rabelais, e há capítulos-monólogos interiores que são reflexões filosóficas (as notas para um ensaio sobre Jayaprakash Narayan, de Firmino) ou poemas (de Matilde). Sem que as personagens sejam, no entanto, poetas ou filósofos, sem que essa seja a «razão de ser» da sua vida.

Assim, no plano da «ficção» (do fio de história imaginado), as personagens conhecem-se e mantêm relações de vária espécie entre si; no plano da «narração» (da escrita do livro, propriamente) são tratadas de modo igual — capítulos sucessivos em que cada um por sua vez ocupa a posição de centro. No plano da «ficção», são todos conhecidos e amigos de *Lourenço*, que

acaba de morrer (de se suicidar) — e por isso todos se reúnem em casa dele; no plano da «narração», há uma *personagem central*, Lourenço, que unifica pelo seu discurso os discursos das outras personagens. Os capítulos intitulados «Capítulo I», «Capítulo II» até «VI», são os *escritos* por Lourenço, personagem que cria a *situação* (reúne todas as personagens dum forma verosímil), o *eu* durante grande parte do livro. É no seu discurso dividido em seis «capítulos» que se *introduzem* os discursos de Firmino, Corina, Matilde, Luís, Luzinha. É o seu discurso que *chama* as personagens a monologarem, é ele que estabelece as relações entre esses monólogos. Tudo o que se *diz convergirá* para Lourenço, de forma a que o leitor perceba quem ele é, como foi a sua vida, o momento em que passou a usar fato escuro e óculos como os outros advogados seus colegas, as amantes que teve e como as teve, os poemas que escreveu ou nunca escreveu.

Funcionaria assim Lourenço como a *consciência coincidente* com a da *Autora*? Seria aquele outro *eu*, aquela ficção criada para marcar o *eu* e que diz o que o autor diria?

Mas existe Luís, filho de Lourenço, que chega de Paris porque o pai morreu. É a primeira personagem que *entra* em livros. É por ele que se toma o primeiro contacto com Lourenço (só depois do seu monólogo virá o «Capítulo I»), e assim Lourenço começa por ser *visto de fora* e dum perspectiva muito *distanciada*, às vezes hostil. É Luís a personagem através de cujo monólogo o leitor vai tomando consciência do que *se passa*, da situação. É ele quem *diz* quem está presente na «ficção» e quem vai estar presente na «narração» e que pela primeira vez (escreve) o nome das personagens que «vão entrar».

Funcionaria assim Luís, uma das duas personagens da outra geração, como uma *consciência crítica*, uma «voz da verdade», que vê claro porque está de fora? Que lança a luz certa sobre as coisas?

Não esquecer: aqui as coisas transmitem-se de pai para filho (e a mesma Solange inexistente de Luís foi a Solange antiga de Lourenço) ou de filho para pai (Luzinha começou por ser de Luís, passou depois para Lourenço). Luís perde toda a «superioridade» de personagem que por vezes tem, quando aparece o último capítulo intitulado *Ea*. O *eu* será Lourenço, que para acabar não escreve um «capítulo». Mas desse capítulo retenhamos as seguintes frases: «Qual é o meu nome? Luzinha? Firmino? Matilde? Luís? Lourenço? Ou outra personagem? Página seguinte: «Mas, vá lá, acitemos que me chamo Lourenço.» Duas páginas depois: «É evidente que posso matar Lourenço», e em baixo: «Mas eu, Lourenço, nome de jogral, posso mudar de nome.»

Lourenço, nome de jogral: apenas porque houve na Idade Média um jogral chamado Lourenço? Porque Lourenço fazia versos, trovava? Porque Lourenço zombava (Luís lembra-se do seu ar irónico), e antes de significar «poeta», jogral significava «zombador»? Porque Lourenço era um «jongleur»? Porque «jogava»?

Lourenço é o autor de todo um *jogo*. A autora é a responsável por todo um *jogo*, que implica *movimento* e *fingimento*:

1.º) No *caderno da capa preta*, que continha o diário de Lourenço, e são afinal os capítulos

I, II, III, IV, V, VI (em que Lourenço *adivinha* o que se passará quando Luís o ler e em que falará das personagens); mas os capítulos não estão afinal no *caderno da capa preta* que, se bem que esteja a ser reproduzido e lido, não existe, e Luís afinal não o encontrará no armário. (Que são estes capítulos que existem e não existem?)

2.º) Na *morte de Lourenço*, que é afinal apenas uma morte *literária*, um suicídio de *personagem*, uma mudança (várias mudanças) de *nome*, uma situação criada para dela nascer um livro; ou seja: Lourenço morreu para que as personagens pudessem existir. (Mas Lourenço morreu? Mas Lourenço existiu fora da *narração*?)

3.º) No *eu* — resumo de todos os jogos: todas as personagens por instantes se «vestem de eu». Faz-se acreditar no entanto que o *eu* verdadeiro é o de Lourenço, o dos «capítulos». Mas, de repente, Lourenço e *eu* são dois. (Quantos *eus* existem? Existe sequer um *eu*?)

Tudo é *jogo*: o teatro, a poesia, a sessão de espiritismo de que se fala, a movimentação das peças, a ausência de sentimentos, o *viver o seu jogo*, como quem diz ao mesmo tempo «viver a sua vida» e «a vida é um jogo».

Por isto, *Lourenço é nome de jogral* seria um livro *imoral*: onde se fala de prisões (sem que isso nada signifique para as personagens ou para o ponto de vista dominante), onde se fala de erotismo (sem que isso muito signifique para as personagens ou para o ponto de vista dominante) e sobretudo em que se fala de *culpa*, dum culpa abstracta («Aceito com arrogância a minha parte de culpa, e a ti, Luís, em meu nome, em nome do teu passado, é perdão que te peço, meu filho» — última frase) sem que a culpa seja «sentida». Fala-se de. Reflecte-se — em monólogos sobre a vida; faz-se filosofia, dizem-se verdades. E é assim que falam as personagens umas com as outras, assim pensam as personagens, mas sem que dos seus pensamentos se extraia nunca um pensamento, uma teoria, uma doutrina facilmente «classificável».

Lourenço é nome de jogral, *romance interior*, de reflexão, *romance sem história*?

No plano da «ficção»: as várias personagens que falam vão dando informações sobre a *evolução* de Lourenço, a sua vida em que são *inutos* Corina, Matilde, Luzinha, em que vão permanecendo a mulher e Firmino e durante a qual existe Luís; é a história da vida de Lourenço, dum parte da vida de Lourenço antes da sua morte, que se vai fazendo com muitas *coincidências* (aqui ainda se deveria voltar a falar de Abelara). No plano da «narração»: também uma *evolução* na relação entre os vários discursos: 1) os vários monólogos são *orientados* pelos capítulos de Lourenço; 2) os segundos monólogos de Matilde e Firmino são autónomos; 3) os monólogos e os capítulos elucidam e fazem a história de Luzinha. A abrir: uma introdução (*Luís*) — chave da «ficção». A fechar: uma conclusão (*Ea*) — chave da «narração».

Difícil dizer agora que não se trata dum *romance* muito *interessante* (que faz nascer o interesse). Mas com o peso negativo de todos os romances de grupo para o que não são do grupo ou estão *muito longe* dele.

(Transcrito de «Crítica», Fevereiro 1972)

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo Dr. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

6.^a EDIÇÃO

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TODA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim, esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

É assim, quando na ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate de uma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 992 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 75\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73-75

